

Arkangel: o episódio mais freudiano de Black Mirror

Arkangel:
the Black Mirror's most Freudian episode

Patrícia Lins de Paula

Resumo

A série antológica de ficção científica *Black Mirror* popularizou-se na *Internet* pela abordagem inteligente e inédita de como o mau uso da tecnologia pode arruinar as relações humanas e agravar o mal-estar do indivíduo. Prazeroso e desconfortável, o episódio em estudo – *Arkangel* – aborda o dilema da pós-modernidade com as peculiaridades narcísicas e manipuladoras da natureza humana dentro das relações parentais. Neste artigo abordamos o típico caso de uma mãe superprotetora que disfarça o desejo de poder sob uma fina casca de preocupação e cuidado com sua única filha, e o desdobramento implosivo que disso pode resultar, à luz de Alfred Adler, Donald Winnicott, Michel Foucault e Sigmund Freud.

Palavras-chave: Controle, Maternagem, Narcisismo, Poder, Relações parentais.

O desejo de poder, tão presente nos estudos de Alfred Adler, pode se expressar nos comportamentos mais perniciosos, não obstante aparentemente protetores, ocultados sob uma fina casca disfarçada de cuidado e amor, como a preparação diária, quase religiosa, do *shake* matinal de Sara por Marie, no episódio *Arkangel*, da série *Black Mirror*.

Esse tema do poder e controle já havia sido abordado por Freud ([1914] 2004) no seu texto *Introdução ao narcisismo*, quando afirmou que a criança, como objeto de ternura parental, sua majestade, o bebê, seria o símbolo de uma representação narcísica que satisfaz aquele que a apreende. Sobre os filhos, portanto, é projetada toda perfeição não realizada pelos progenitores (*e impossível!*), traduzida em cuidados na primeira infância e revelada como ações aparentemente naturais, atribuídas a pais responsáveis e preocupados.

Quando aborda o narcisismo, Freud ([1914] 2004) considera-o etapa fundamen-

tal do processo de constituição do eu e estabelece que, quando ama, o sujeito ama o próprio eu realizado no plano imaginário. Portanto, consideramos que, por trás da maternidade de Marie, há o narcisismo; assim como em qualquer maternidade, em maior ou menor grau.

Como afirma Freud ([1914] 2004, p. 110):

O comvente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocadamente sua antiga natureza.

Mãe abusiva e controladora, que parece viver sob forte e contínua tensão psíquica de ter que dar conta de tudo por sua filha Sara, num mecanismo obsessivo de vigiar (vendo sem ser vista), Marie usa a maternidade como um modo de produção individual, uma vez que não compartilhou a filha com

nenhum parceiro, a não ser a participação – coadjuvante – do avô materno na criação, reforçando a ideia da “minha filha”, a que “eu gerei” e, portanto, que “eu protejo”, ou dito de outro modo, a que “eu manipulo” e a que “eu controlo”.

De fato, são inegáveis o amor e o desvelo da mãe ao preparar o alimento da filha, como o *shake* matinal, sempre presente nas cenas. Mas cumpre refletir quando o cuidado vira doença, ou seja, quando a mãe passa a não mais dissolver probiótico na bebida, mas a pílula do dia seguinte, para abortar uma gravidez inesperada e desconhecida pela própria filha!

Winnicott (1990), na sua célebre obra *Natureza humana*, apresenta as três funções essenciais da maternagem: apresentação dos objetos, *holding* [sustentação] e *handling* [manejo]. Define a mãe suficientemente boa como aquela devotada, ou seja, aquela que tem adaptação sensível e ativa; e a insuficientemente boa como aquela que não tem capacidade de se identificar com as necessidades do filho, que substitui as necessidades do bebê pelas próprias necessidades, pois o bebê não existe sozinho, mas é parte de uma relação.

Assim, a superproteção materna, além de não ser propriamente um cuidado de alteridade (com o outro) mas consigo mesma, pode predispor a criança a doenças psicossomáticas, como a asma.

A mãe narcísica, ou seja, aquela que desenvolveu o transtorno de personalidade narcisista (TPN), é autocentrada, autorreferente, com relação à qual nunca há um convívio pacífico. Em geral, produz na criança o abuso psicológico, que provoca tristeza e mágoa, mas para os outros (sobre os quais não exerce influência direta) mostra-se alegre e extrovertida – exatamente como Marie.

Para ela, a filha bem-sucedida (como uma extensão de si mesma) mostra que é uma boa mãe. E ao contrário do que acredita (ou faz os outros acreditarem), não tem propriamente um gênio forte, mas uma estrutura

emocional muito fragilizada, utilizando manipulação (comunicação indireta ou fofocas, mentiras).

Apoiada numa tecnologia experimenta que implanta um *chip* no cérebro de crianças para monitoramento dos pais, Marie tomou essa decisão – sem analisar mais detidamente os efeitos físicos e psicológicos de um corpo estranho vigilante em sua filha – “para o melhor de Sara”. Melhor para quem? É assim que Sara se desenvolve nos primeiros anos: como uma criança observada em sua localização, em seus sinais vitais, com a possibilidade da mãe poder ver o que ela vê e adicionar filtros com limitação de conteúdo às cenas que se apresentam à filha perante seus olhos.

Desse modo, em geral os filhos respondem às mães patologicamente narcisistas com uma excessiva dependência, como objeto do gozo (freudiano) da mãe, sentindo que sua missão é sempre ajudá-la e servi-la.

Winnicott (1988, p. 181) afirma:

É necessário compreender o impacto sobre a criança do inconsciente reprimido por baixo da superproteção compulsiva da mãe.

Assim, a menina se desenvolve psicologicamente dependente e com um mecanismo de estímulo-resposta deturpado. Skinner provavelmente adoraria avaliar este caso. É como se fosse um animal condicionado, num cativeiro vigiado sob os olhos atentos de sua mãe. Ainda criança, a brincadeira e a distração com o gato que escapole no parque, e ela o segue, parece definir metaforicamente as cenas que se desdobram, do animal que aproveita as brechas abertas em seu cativeiro para desfrutar da liberdade possível na vida real.

Parece ainda que o mecanismo de defesa de Marie, gerador de profundo adoecimento psíquico nela mesma, apresenta como estratégia criar uma redoma, vivendo em função da filha Sara (a imagem da tela do celular de

Marie é uma foto de Sara), o que inclusive a atrapalha para viver sua vida e estabelecer relacionamentos, buscando afastar também da filha todas as outras pessoas que podem representar risco de liberdade ao aprisionamento, recorrendo a ações manipuladoras, para que no fim, só reste uma única pessoa a quem Sara possa recorrer: Marie.

Entretanto, se a pretexto de proteger, o cuidador tolhe o sujeito a viver livremente, ele age em prejuízo da normalidade psíquica.

Adler (1931, p. 48) sintetiza bem essa ideia:

O maior perigo na minha vida é quando alguém me restringe e impede meu livre desenvolvimento.¹

Como o organismo humano vive num ambiente patogênico, cheio de micro-organismos que promovem estímulos à imunidade natural, a qual é a resposta de equilíbrio orgânico, psicologicamente o desenvolvimento emocional sadio precisa de estímulos reais para desenvolver os mecanismos de defesa emocionais e (por que não?) as resistências. Portanto, o uso desmesurado da proteção artificial acaba atrofiando tais possibilidades de defesa.

Manter uma visão distorcida da vida, com imagens de violência e sexo censuradas, gerou uma espécie de dificuldade para Sara fazer suas próprias escolhas e, com isso, uma maior tendência de projeção de culpa, que mais tarde explode em violência.

A resposta emocional agressiva, como a ação de Sara se autoferir com o lápis afiado, denota uma raiva reprimida que não se expressava exatamente na linguagem – os vazios do discurso na realidade emocional que não tem nome, só dor.

É notório, sobretudo com o crescimento de Sara (já na adolescência), que há uma espécie de competição, quase rivalidade, da

mãe em relação à filha. Poderíamos esperar de Sara a preservação da dependência e da inibição como resposta ao aprisionamento, mas ela entende que o afeto não precisa representar plena fidelidade de pensamentos. Então, passa naturalmente pela fase da mentira, dissociando-se da mãe enquanto sujeito, uma vez que nem tudo precisa ser abertamente dito, e que há experiências individuais e compartilhadas com outros, das quais a mãe não precisa participar. E isso não implica falta de amor ou cumplicidade.

Um exemplo disso é sua relação com Trick; ele é para Sara a via da verdade sem filtros, com o qual estabelece um laço transferencial, de confiança. Amigo da mesma idade, com quem mais tarde inicia-se afetiva e sexualmente, desde muito cedo mostrou que a visão de Sara da realidade era filtrada, deturpada. E porque o proibido aguça o desejo, Sara demonstra querer saber “como a vida aconteceu”.

Desde a experiência com sexo e drogas até exposição a cenas de violência, Trick oferece a Sara possibilidades até então vedadas, que disparam em Marie um descontrole traduzido em desespero. Ela mobiliza contatos sociais para afastar os perigos da libertação de Sara, ameaça denunciar Trick à polícia e, ao perceber que Sara está no início de uma gravidez inesperada, vai à farmácia comprar um comprimido abortivo, despedaça-o e mistura no *shake* matinal, ignorando a vontade da filha.

Foucault ([1987] 1999), no contexto da vigilância hierárquica, define que essa vigilância obscura, que deve ver sem ser vista, é o ápice de um poder discreto, operador de adestramento, como o panóptico de Bentham.

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados [...], onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma

1. Tradução livre de “*It is the greatest danger in my life when some one restricts me and prevents my free development*”.

figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado [...] – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar (FOUCAULT, [1987] 1999, p. 221).

Ninguém aguenta por muito tempo viver sob rígido controle e disciplina, que estão na contramão do amor.

Assim, é natural a resposta do sujeito oprimido de libertar-se pela violência e abandonar o opressor. E é justamente o que acontece: Sara confronta Marie e rompe com o círculo vicioso, quebrando o *tablet* numa agressão física contra a mãe. Naquele momento ela rompe o padrão dependente e opta por aceitar os riscos desconhecidos de uma carona para qualquer lugar. É porque para quem foi prisioneiro, nunca será alto demais o preço a pagar pela liberdade.

Abstract

Black Mirror, an anthological and science fiction series, became popular on the Internet for its clever and unprecedented approach to how the misuse of technology can ruin human relationships and aggravate the individual's malaise. Pleasant and uncomfortable, the current episode, Arkangel, addresses the dilemma of postmodernity with the narcissistic and manipulative peculiarities of human nature within parental relationships. In this article we discuss the typical case of an overprotective mother who disguises the desire for power under a thin shell of concern and care for her only daughter, and the implosive unfoldment that this can result, in the light of Alfred Adler, Donald Winnicott, Michel Foucault and Sigmund Freud.

Keywords: Control, Motherhood, Narcissism, Parental Relationships, Powering.

Referências

ADLER, A. *What life should mean to you*. London: Brown and Company, 1931, p. 48. Versão digital disponível em: <<http://www.alfred-adler.us/what-life-means.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1987). Tradução de Raquel Ramalheite. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 55-120. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 97-119. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Recebido em: 25/11/2019

Aprovado em: 20/12/2019

Sobre a autora

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista. Palestrante. Escritora. Graduada em Engenharia Elétrica, modalidade Eletrônica, pela Universidade Salvador (UNIFACS), pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia (IMES) e em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Membro participante do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Endereço para correspondência

E-mail: <patricialins@patricialins.org>